

Dagon



Roberto Mendes

Contos:

Dormindo Com o Inimigo
por Luís Filipe Silva
e ainda:

Nir Yaniv
João Barreiros
Carla Ribeiro

Artigos com
Larry Nolen
Entrevista com
Lavie Tidhar
Festival
Sitges 2009

editame



Índice:

3- Dormindo com o inimigo
Luís Filipe Silva

14- Festival de Sitges 2009
Luis Canau

27- A Balada do Executor
Carla Ribeiro

35- No Bucks, No Buck Rogers
Pedro Ventura

38- Entrevista com Lavie Tidhar
Roberto Mendes

42- Brasereiros
Nir Yaniv

55- A Ficção Científica Internacional e Problemas de Identidade
Larry Nolen

59- Ilustrações
Miguel Ministro

63- Não Há Etcoeteras
Nuno Fonseca

66- Um Dia com Júlia na Necrosfera (parte I)
João Barreiros

77- Glória Perpétua
Roberto Mendes

79- Posfácio
Roberto Mendes
Carlos Lopes

Dormindo com o Inimigo

Luís Filipe Silva

O último homem sobre a Terra descobriu que, afinal, restava uma mulher. Quando conseguiu controlar a ansiedade da descoberta – ele que há anos não encontrava sinais de existência de outro ser humano – e se acercou, ainda ao abrigo do muro de rochas, da berma do lago em que a figura se banhava placidamente, conseguiu perceber melhor que, afinal, não era bem o tipo de mulher que previra.

Para começar, tinha pêlo a cobri-la por todo o corpo – pêlo mais curto e delicado que o da maioria dos animais da região, sem dúvida, mas ainda assim longe de se parecer com cabelo humano. Os membros eram mais esguios e compridos que o normal, e o corpo, como um todo, não tão alto quanto o dele, parecia alongado e frágil. E, embora se banhasse na berma do lago com uma placidez que lhe evocava imagens poéticas do passado, as reacções repentinas a qualquer som ou movimento eram nitidamente as de um bicho acossado, sugerindo, pelo modo com os olhos percorriam o espaço sem procurarem entender o motivo do alarme, serem guiadas mais por instinto e menos por raciocínio.

E contudo, era definitivamente uma fêmea, uma fêmea que ostentava seios e púbis e curvas de aspecto tão perfeitamente humano que o último homem sobre a Terra se descobriu a apreciá-los como pertencessem a uma modelo de revista.

Talvez por isto – pois afinal um homem entusiasmado jamais age com cautela –, decidiu aguardar na sombra, à espreita, antes de se revelar. Mas - e também por isto, embora não exclusivamente -, não se afastou nem procurou a outra fonte de água que sabia estar a meia hora de caminho.

Aguardaria. Sem se mostrar: onde havia uma fêmea, haveria um macho. Possivelmente um macho feroz, armado, com necessidade de defender a família, e acompanhado de outros machos, para se defenderem contra os Bicudos, ou outros predadores. Haveria uma tribo, talvez algum indício de comunidade.

Se aquilo era o devir da espécie humana – uma suspeita que partes de si lhe confirmavam com uma certeza física -, e a não ser que restassem traços de uma linguagem que permitisse um mínimo de comunicação, dificilmente veriam nele o primo distante do passado. Dificilmente lhe poupariam a vida.

Ainda assim, não seria capaz de voltar as costas. Agora que sabia. Tinha de perceber, ao menos, o que restava da antiga e orgulhosa espécie dominante do planeta. Assistir ao crepúsculo da Humanidade, se de facto disso se tratava – mesmo que não tivesse ninguém a quem passar o testemunho.

DAGON

Não deixava de ser um triste fim, pensou emocionado.

* * *

Após uma dúzia de dias de observação, não sabia o que fazer daquilo.

Seguira a criatura a extensa distância, logo no primeiro dia, o que criou algumas dificuldades pois, embora caminhasse direita quando em passo lento, na corrida aproveitava os braços compridos e iniciava um galope acelerado a quatro patas que ele não conseguia acompanhar durante muito tempo.

Felizmente o terreno era arenoso e os ventos estavam mansos, e uma análise cuidadosa permitiu-lhe seguir o rasto por quilómetros. Estando o dia já na curva descendente e a indicar que, longe da gruta que lhe servia de casa, teria de procurar uma guarida elevada que o protegesse dos predadores nocturnos, descobriu por fim o acampamento, escavado no declive de uma das múltiplas encostas de vegetação escassa.

De onde montou vigia, conseguia perceber as idas e vindas dos membros da tribo – a qual, pelas suas contagens, não teria mais de vinte adultos e algumas crias. Viu as criaturas recolher frutos das poucas árvores próximas, deslocar pedras para tapar a entrada durante a noite e abri-la ao raiar do dia, inclusive transportar água para as crias em malgas que pareciam ser feitas de folhas entrelaçadas. Alguma inteligência teriam, certamente. Mas não notou, nos grunhidos trocados, algo que sugerisse uma linguagem. Talvez o nível de colaboração colectiva fosse equivalente, ou um pouco superior, ao dos primatas de antigamente. Era possível que aqueles fossem descendentes desses primatas e não dos homens, como pensara ao início; ou que tivesse ocorrido um enxerto genético de uns nos outros, por qualquer motivo ecológico – como poderia saber? Certamente que, na ausência de um leitor de ADN e de um laboratório moderno, jamais conseguiria confirmar as suspeitas.

O que lhe deixou suspeitas foi a ausência de machos.

Eram todas fêmeas, as figuras que entravam e saíam da caverna, que cuidavam das crias, que mantinham o acampamento a funcionar. Até que os machos regressassem com comida? Não devia ser esta a resposta: ao seguir a excursão inesperada de um grupo daquelas criaturas, viu-as entrar no terreno de caça dos Bicudos e aguardar que terminasse a perseguição, com sucesso, de uma manada de ruminantes. Principalmente, viu-as esperarem até que os predadores ficassem saciados, indo então buscar os restos das carcaças.

Não houve qualquer ameaça por parte dos Bicudos, que se afastaram quase cavalheirescamente enquanto as cinco fêmeas arrastavam em conjunto, e com evidente esforço, as peças ossudas dos ruminantes em que restava carne.

DAGON

O homem não queria acreditar. Um dos predadores mais traiçoeiros que jamais conhecera, caçando sempre em matilha e de uma agressividade irreduzível (tanto que ele tivera o cuidado de se manter contra o vento e sempre a ponderar se iria tornar-se na vítima da sua própria curiosidade), estabelecera ali um evidente pacto com a espécie humanóide, e quase certamente era assim que as fêmeas obtinham proteína e fibra animal.

Aquele tipo de descobertas só lhe confirmavam que havia ainda muito a aprender sobre o mundo.

Restava o enigma da procriação. Mas talvez os machos estivessem apenas longe, quem sabe a fecundar um outro grupo de fêmeas – libertos da necessidade de alimentar o ninho, restava-lhes o papel de reprodutores. Ou em hibernação no fundo da caverna, a aguardar dias de cio. Ou talvez estivessem todos mortos, e naquela geração não tivessem nascido machos, como os dinossauros do passado, embora essa fosse uma hipótese remota.

Contudo, já não era a curiosidade científica que impelia o homem para o posto de observador das criaturas, mas um imperativo da natureza muito próprio e muito óbvio.

* * *

Ela tinha o hábito de procurar aquele lago para se lavar. Porque se afastava tanto do grupo, ele não fazia ideia. Se fosse humana, diria que era motivada por uma necessidade de isolamento, mas não se atrevia a aplicar tais motivações àqueles simples seres. Seriam resquícios de um pensamento elevado num cérebro incapacitado de articulação? Um cérebro que, há muitas gerações, teria sido capaz de formular teorias matemáticas e perceber o funcionamento do universo, e em particular, o do tempo; um cérebro que manifestava os últimos sinais de inteligência, como os últimos sopros de um moribundo.

Se era verdade, isso implicava que ela era diferente das demais da sua espécie. E essa diferença tornava-a especial.

Aos poucos, perdeu-lhe a desumanidade dos membros, a estranheza da figura esguia. Desconsiderou tudo o que era diferente e concentrou-se no que era familiar. Percebeu que tinha um porte delicado, que caminhava com graça quase feminina – algo que de algum modo não encontrava nas outras, demasiado pesadonas e grosseiras. Até o pêlo era diferente: mais sedoso, mais brilhante. E não havia dúvidas que se entregava ao banho no lago com evidente abandono e agrado.

Era obrigado a admitir: mesmo por padrões humanos, ela era bastante sensual.

Revelar-se seria, naturalmente, o próximo passo.

DAGON

Um dia, enquanto ela se banhava, saiu do esconderijo transportando nos braços a carcaça de um pequeno animal que capturara de manhã. Ela, assim que o viu, começou a esbracejar em pânico, mas não podia ir longe – o lago era fundo e ele percebera já que não era uma verdadeira nadadora. Pousou a carne na berma do lago e recuou, sentando-se longe, encostado às rochas.

O cheiro a carne fresca era intenso e irresistível. Mantendo-o debaixo de olho, reticente em aproximar-se, acabou por testar a oferta e arrastá-la consigo em passo acelerado. Desta vez, ele não a seguiu.

No dia seguinte, havia novamente carne à espera dela. Um pouco mais afastada da margem, desta vez, mas ainda assim a uma distância que ela consideraria segura perante aquele estranho ser de cor pálida, envolto em peles de outros animais, que observava calmamente, sentado na sombra das pedras.

No terceiro dia, ela surgiu com companheiras, e ele não se mostrou. Não voltou a surgir até ela regressar sozinha, e então presenteou-a com o maior naco de sempre. Era a sua forma de lhe dar a entender que estava interessado apenas nela. A mensagem deveria ter resultado, pois ela não voltou a surgir acompanhada.

E assim, nos dias que se seguiram, estabeleceu-se um ritual fixo entre eles, no qual ele lhe oferecia comida enquanto ela nadava na protecção do lago. Entusiasmava-o ver que ela o procurava com o olhar antes do mergulho, sentir que, no seu modo irracional, existia no pensamento dela. Avançaria então, e escolheria um lugar cada dia mais afastado da margem, mais próximo de si.

Não demorou até que distassem apenas uma dezena de passos entre eles. Era capaz então de a apreciar melhor, inclusive de a cheirar. Tinha um odor almiscarado, pungente, próprio dos animais com pêlo, apesar de não completamente desagradável, que o banho só intensificava. E os olhos – os olhos eram nitidamente humanos, brilhantes e curiosos e selvagens, como os dos cachorros ou talvez os das míticas crianças-fera.

Ela acercava-se já sem grandes medos, e por vezes ficava a morder na carne sem retroceder, prova de confiança e curiosidade. Olhava-o e desviava o olhar, como se, ao classificá-lo como amigo e não ameaça, não precisasse de conhecer mais nada a seu respeito. O homem manteve-se sempre quieto e calado, e jamais fez um movimento para a tentar alcançar. Por fim, foi ela quem estabeleceu primeiro contacto.

Estando a prenda do dia quase aos pés do homem, ela ignorou-a subitamente e tocou-lhe.

Começou por espetar um dedo nos braços dele, nas pernas expostas – a medo e preparando-se para fugir. Ele não mexeu um músculo, nem quando ela passou a beliscá-lo. Devolveu-lhe o olhar mas não sorriu, não fosse este gesto ser

DAGON

interpretado como ameaça, ao expor os dentes. Viu-a perder finalmente o interesse e afastar-se com o jantar.

No dia seguinte, o homem manteve a carne nas mãos. E quando ela procurou agarrá-la, ele afastou-a, delicada mas firmemente. Foi aos poucos mostrando-lhe que, se ela queria comer, teria de ser das mãos dele.

A forma como virava a cabeça para aceitar os pedaços de carne era incrivelmente humana; escondido sob uma camada de pêlos compridos, o maxilar tinha uma forma reconhecível, as orelhas eram redondas e com lóbulos como os dele. Até mesmo o nariz era afilado e pequeno, como o de uma rapariga delicada.

O homem treinara cães como passatempo numa vida anterior. Conhecia-lhes o focinho frio e a língua ávida. Aquele ser não era um animal. Era quente e familiar, e quando lhe lambia os dedos por acidente na sofreguidão da fome, algo muito forte despertava nele. Uma sensação de cumplicidade como há muito não experimentava com outro ser vivo.

Era óbvio o que tinha de fazer a seguir.

Conseguiu-o com um par de laços e um sistema de pedras a servir de contrapesos. Apanharam-lhe as mãos e os pés de imediato, e, aproveitando o momento de espanto, ele conseguiu laçar-lhe o pescoço, de forma que, num breve segundo, as tentativas de fuga dela foram tornadas inúteis. Abordando-a por trás, para ficar longe dos dentes, ele cobriu-lhe a cara, e por conseguinte a vista, com um saco pesado que trouxera da gruta. Isto fê-la acalmar-se, mas não na totalidade, como se percebesse a intenção da manobra.

O homem forçou o saco para dentro da boca dela e em seguida apertou-o, para que os berros não despertassem a animosidade das suas companheiras.

Depois de bem atada, jogou-a sobre os ombros. Era mais leve do que pensava. Em breve, corria já de regresso a casa, alegre como um miúdo na manhã de Natal.

* * *

Durante dois anos, a gruta tinha sido a casa dele. Depois, continuou a habitá-la mas deixou de contar os dias. Deixou de se preocupar com unidades de tempo, com o envelhecer, com os lugares que teria visitado ou os cargos que ocuparia ou a nova família que teria constituído aos quarenta, aos cinquenta anos. Essa foi a decisão final da sua aceitação, e com ela chegou uma estranha mistura de paz e desalento. Não medir o tempo implicava percorrer a vida sem uma base de comparação. Um dia chegaria o fim, e com sorte apanhá-lo-ia desprevenido. Existia praticamente num estado primitivo, embora não na totalidade, pois nos primórdios havia a noção das estações climáticas e uma ideia

DAGON

de ciclo, de recomeço e retorno. Ali, no fim dos tempos, os dias eram igualmente quentes, opressivos, secos, vermelhos, inchados, um eterno verão de estufa sem o descanso de uma tempestade. Era um planeta árido, e ele o seu espelho.

Ao pousá-la no recôndito da caverna, amarrá-la a uma saliência, procurar de imediato a corrente que preparara de véspera, regressava a uma agilidade antiga que não tinha nome. Tudo nele era antecipação e mudança. Tinha um plano, variações desse plano, preparativos de dias, paciência, um objectivo. Um homem precisava disso para viver. Em particular, se fosse o último dos homens.

Antes de retirar o capuz, já tinha a coleira de metal na mão e prontamente a trancou em volta do pescoço dela. Após tanto tempo, a fechadura ainda funcionava. Puxou a correia, testando-a, garantindo que não era demasiado desconfortável para ela. Nos primeiros tempos, iria mantê-la curta. Se a tribo a procurasse (embora ele em grande medida desconfiasse que tal não iria acontecer), não a queria aparecendo à entrada da caverna e chamando a atenção.

Foi só então que a libertou das cordas, do capuz. Como uma gazela solta, ela saltou de imediato, em direcção à luz que indicava a saída, mas a correia travou-lhe a fuga, e caiu pesadamente para trás. Berrou, mais de surpresa que possivelmente de dor (há muito que ele cobrira o chão de pedra com uma camada de areia), e agarrou-se com força à correia, puxando-a, mordendo-a. Era feita de uma liga metálica industrial e estava firmemente cravada na rocha. Não haveria forma de se conseguir soltar.

Quando desconfiou disso, virou-se para ele e tentou atacá-lo, avançando com as mãos crispadas como garras. Ele afastou-lhe os braços sem dificuldade e bateu-lhe na cara. Ela caiu de novo ao chão.

Voltou a atacá-lo e foi de novo esbofeteada. O homem não usou de mais força nem parecia irado. Estava apenas a ser metódico, e como esperava, após a décima investida, ela desistiu, ficando prostrada por terra, com o pêlo sujo de areia e um fio de sangue a escorrer-lhe do canto da boca. Chorava como um ser humano, mas continuava com aquele olhar triste e vazio como o de um animal selvagem.

O homem esperou que parasse de chorar. Foi depois buscar uma tigela com pedaços de carne e aguardou, de pé, no limite da correia. Ela ficou a encará-lo, magoada e com desconfiança. Levou bastante tempo a decidir-se.

E então, lentamente, levantou-se, aproximou-se, tirou a comida da tigela e sentou-se a mordiscá-la, concentrada no pedaço de coxa.

Estímulo negativo, estímulo positivo, pensou ele. Era assim que se domavam as feras.

DAGON

* * *

Havia tanto para fazer, tanto para recuperar. Desabituar-se de ter alguém ou algo de quem cuidar, mas rapidamente montou uma rotina de caçar em duplicado para os dois, de lhe trocar a água, de lhe manter uma caixa de areia para as necessidades (cujo treino, ainda assim, levou o seu tempo).

Não sabia em que ponto terminava a inteligência dela e começava o instinto. Era instável nas reacções, na aprendizagem – e em particular, no humor, demonstrando momentos de intensa fúria em que procurava libertar-se, seguidos de uma plácida ausência enquanto se catava a si mesma. Ele não tinha experiência suficiente para perceber se seriam reacções normais nos antigos primatas ou se seria uma manifestação ocasional do lado humano.

Mas sabia que ela apreciava a linguagem.

Começou a dirigir-lhe comandos ríspidos a acompanhar treinos específicos, mas depressa se descobriu a contar pormenores do seu passado. Em particular quando a noite descia e ficavam os dois abrigados na caverna escura, e ele conseguia sentir o delicado respirar, o cheiro dela, a presença de algo vivo junto de si. E algo ainda vivo dentro de si também. Memórias. Aspirações. Propósitos.

Falou-lhe do tempo e do espaço. De como as eras se sucediam como capítulos de uma história, e de como um dia alguém percebera que era possível saltar as páginas. Falou-lhe do passado e dos arranha-céus e dos veículos alados e do que significava um acidente para quem neles viajava – e, em particular, para aquele que, daquela vez, não acompanhou a família. Falou-lhe de conceitos esotéricos como laboratórios e experiências e voluntários. Falou-lhe de perigos e de como era fácil aceitá-los quando se pensava não haver mais nada a perder. Falou-lhe de clarões e um túnel no ar e um breve, agonizante, revirar da matéria. Falou-lhe de instrumentos e medições, de plásticos e câmaras e pipetas. Falou-lhe de tudo isto e mais; e no escuro, descobria-lhe o olhar atento, dois globos luminosos na noite muito abertos, qual criança fascinada pela figura incompreensível do adulto – o ser bizarro em que, afirmavam, se tornaria.

Vindo o dia, o homem ia buscar os instrumentos que salvara do acampamento e punha-os a funcionar. Alguns ainda davam sinais de vida passado tanto tempo. Uma sirene, um indicador luminoso, uma lanterna de bateria solar. Objectos fascinantes que a faziam arregalar os olhos. Fotografias de pessoas nas quais procurava tocar e a confundiam quando apenas sentia a superfície de papel plastificado. Ele repetia os nomes de cada um deles, e a seguir apontava para o do meio, depois para si próprio, e pronunciava explicitamente o seu nome. Contudo, se ela entendeu, jamais o indicou nem revelou o seu.

DAGON

E para ilustrar o final da história, traçou o desenho de um Bicudo na areia do chão, juntou-lhe muitos outros Bicudos, exagerando a forma do bico mortal, e usando mais pantomina que narrativa tentou explicar como decorrera o ataque surpresa e como ele fora o único a escapar (sem lhe contar como se esquecera de ligar as defesas, como não dera importância àquela espécie, até ser acordado pelos berros dos companheiros e pelos guinchos das bestas, escapando por um triz nas águas escuras do rio; ainda que ela não entendesse, não conseguiu confessar). E depois, desenhando um traço que pretendia representar a distância temporal entre a sua era e a actual, e um quadrado para representar o portal, apagou-o subitamente, para indicar uma cisão súbita e irremediável.

Tentou, tentou várias vezes fazê-la perceber, que se zangou com ela e lhe bateu fortemente, até perceber que estava a estragar o seu próprio esforço de educação.

Não havia nada ali dentro da criatura que merecesse ser salvo, dizia a si mesmo. Nenhum pecado, nenhum castigo, nenhuma consequência.

* * *

Não demorou muito a manifestar a sua vontade a outro nível.

Desde o primeiro dia que lhe tocava, que lhe escovava o pêlo e neste acto percorria o traço dos músculos firmes, ainda que fracos, os contornos secos e esqueléticos, registando as delicadas transições entre mulher e besta, habituando-se à proximidade física dela.

E (esperava ele) da parte dela, o inverso.

A criatura ficava muito quieta enquanto o homem a escovava, emitindo ruídos profundos, ruídos de mulher, quando o gesto se prolongava languidamente ou passava sobre um ponto mais sensível. Nesses instantes ele lia uma oportunidade de aproximação, e com a mão livre acariciava o pêlo, antes de avançar suavemente para a zona dos seios.

Ela contorcia-se então e fugia do toque dele.

Possivelmente teria de esperar pela estação do cio. Mas ainda assim não resistia a tentar uma aproximação a algo que estava tão perto e tão disponível, e as rejeições começaram a irritá-lo. Estava sozinho há demasiado tempo, e cada dia sem satisfazer a vontade incomodava-o com um peso igual a todos aqueles anos – ou ainda mais.

Até ao dia em que percebeu finalmente que estava a abordar o assunto da forma errada. Foi nesse dia que apertou a coleira, prostrou-a contra o chão e atou-lhe joelhos e pulsos às saliências mais próximas da parede. Ela esperneou e tentou mordê-lo e fartou-se de berrar, mas era impossível fugir, e o homem era mais forte. Pressionou-a contra o solo e amarrou uma tira de couro que lhe

DAGON

tapava a boca. Não só evitaria aqueles dentes afiados como os gritos distraíam-no.

Despiu-se e deitou-se sobre ela. Graças ao cuidado e limpeza que lhe dedicava, o pêlo mostrava-se sedoso e macio. Sentiu-a contorcer-se, procurando afastá-lo, mas ele usou o peso para a manter no lugar. Nunca se sentira tão excitado na vida.

Sondou a intimidade dela com os dedos. Será que isso a convenceria? Por dentro era mulher completa, em forma e feito, despertando-lhe memórias. A intensidade da fome atingiu-o com força, quase atingindo o clímax sem mais intervenção, qual adolescente na primeira vez. Também se sentiu próximo das lágrimas, ante imagens de vidas alternativas e opções mal tomadas.

Afogou tudo isso dentro dela. Precavera-se com uma protecção feita com pele do estômago de um animal pequeno, como lera algures que se usava nos tempos antigos. Esta, contudo, acabou por soltar-se no ímpeto do momento, resultando numa entrega mais acelerada da sua parte.

Ela queria gritar, eriçando o pêlo do rosto com o esforço, praticamente suplicando-lhe com os olhos – se de suplício se tratasse, se não fosse a leitura humana de um olhar irracional.

A submissão excitou-o ainda mais. Possuiu a criatura-mulher em toda a sua glória, atingindo um orgasmo como não se lembrava de ter experimentado em poucos minutos.

Caiu ao lado dela, extenuado.

- És maravilhosa – disse-lhe. Algo que ela nunca entenderia.

* * *

Não a soltou logo. Serviu-se mais duas vezes. Só depois se lembrou da necessidade de estímulos positivos e afrouxou a coleira o suficiente para que ela cheirasse o ar do dia e passou-lhe uma mão cheia de frutos para se regalar. Ela, contudo, não mostrou grande entusiasmo, e até cair a noite arrastou-se pela caverna, a massajar-se entre as pernas, a gemer baixinho.

Examinou-a no dia seguinte, na medida do possível, mas não encontrou problemas. O correcto, pensou, seria aguardar mais uns dias e perceber se surgiriam mazelas.

Mas era óbvio que não seria capaz de esperar tanto tempo...

Um dia habitua-se, pensava quando, assim que a soltava, a via refugiar-se no fundo da gruta. Um dia consigo domá-la.

* * *



Coleção
YGGDRASIL